

EMERGÊNCIA E REGULARIZAÇÃO DE USOS EM CATEGORIAS VERBAIS DO PORTUGUÊS: GRADAÇÕES DE MODALIDADE NOS VALORES CONDICIONAL, IMINENCIAL E HABITUAL NO DOMÍNIO DO PASSADO IMPERFECTIVO

EMERGENCY AND REGULARIZATION OF USES OF PORTUGUESE VERBAL CATEGORIES: MODALITY GRADATION IN CONDITIONAL HABITUAL AND IMINENTIAL VALUES OF IMPERFECTIVE PAST DOMAIN

Raquel Meister Ko. Freitag¹
Universidade Federal de Sergipe

Andréia Silva Araujo²
Universidade Federal de Sergipe

Eccia Alécia Barreto³
Universidade Federal de Sergipe

RESUMO

Neste trabalho, apresentamos uma proposta de controle da modalidade em categorias verbais, baseada em três funções semântico-discursivas do domínio do passado imperfectivo em português: a condicionalidade, a iminencialidade e a habitualidade. Os graus de modalidade contemplam

¹ Professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE. E-mail: rkofreitag@uol.com.br

² Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE. Bolsista FAPITEC – Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe. E-mail: andreialuzinete@hotmail.com

³ Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE. Bolsista CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. E-mail: ecciaalecia@hotmail.com

contextos que vão desde o [- *irrealis*] – que corresponde ao grau máximo de assertividade, recobrando, principalmente, contextos de habitualidade – ao [+ *irrealis*] – que corresponde ao grau máximo de não assertividade, estando mais para o âmbito da condicionalidade e da iminencialidade. Basicamente as mesmas formas podem atuar em todas as funções. A trajetória da expansão/sobreposição de funções é: habitualidade >> iminencialidade >> condicionalidade.

Palavras-Chave: Modalidade; Tempo verbal; Gradualidade.

ABSTRACT

In this study, we propose a control method of modality in verbal categories of imperfective past tense Portuguese based on three semantic-discursive functions: conditionality, iminentiality and habituality. The degrees of modality include a range setting from [- *irrealis*] – corresponding to the maximum degree of assertiveness, covering mainly habituality – to [+ *irrealis*] – which corresponding to the maximum degree of not assertiveness associate at conditionality and iminentiality. Basically, the same forms can be used in all functions. The trajectory of expanding/overlapping functions is: habitually >> iminentiality >> conditionality.

Keywords: Modality; Tense; Graduality.

INTRODUÇÃO⁴

As gramáticas normativas do português definem o paradigma verbal em função dos tempos: no âmbito do passado, há formas de pretérito perfeito (simples e composto), pretérito mais-que-perfeito (simples e composto), pretérito imperfeito e futuro do pretérito, no modo indicativo; e pretérito imperfeito do subjuntivo. Estudos descritivos e variacionistas, no entanto, apontam que estas formas passam por rearranjo a) semântico-discursivo, desempenhando mais de uma função; e b) morfossintático, com a emergência e regularização de novas formas e obsolescência de outras. Destacam-se, por exemplo, a obsolescência da forma de pretérito mais-que-perfeito simples e a baixa produtividade da forma de pretérito mais-que-perfeito composto para expressarem uma situação de passado anterior (com a forma de pretérito perfeito simples assumindo esta função) (COAN, 1997; 2003); a emergência e regularização de uma forma para a expressão de

⁴ Apresentamos resultados do desenvolvimento do projeto de pesquisa “Variação na expressão do tempo passado: funções e formas concorrentes” (FAPITEC/Proc. 019.203.00910/2009-0/CNPq/Proc. 401564/2010-0).

passado imperfeito progressivo, constituída pelo auxiliar *estar* + gerúndio (pretérito imperfeito composto), com a especialização forma de pretérito imperfeito simples na expressão do valor habitual passado (FREITAG, 2007); a alternância entre as formas de futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo (COSTA, 1997), entre outros (FREITAG, 2012).

Numa abordagem centrada no uso, parte-se da premissa de que as formas verbais cumulam os valores semântico-discursivos de tempo, aspecto e modalidade (TAM), configurando-se no que Givón (1995, 2001) denomina de domínio funcional complexo: são componentes universais das línguas (BYBEE; PERKINGS; PAGLIUCA, 1994) que interagem entre si; a complexidade desse domínio funcional decorre do fato de as fronteiras entre cada um dos subcomponentes nem sempre serem claras e precisas, impossibilitando a dissociação, na prática, de um componente do outro.

A modalidade é uma categoria verbal que codifica a atitude do falante em relação ao conteúdo proposicional do enunciado (BYBEE; FLEISCHMAN, 1995). Givón (1984), na sua proposta de redefinição comunicativa para a modalidade de tradição lógica, correlaciona-a ao grau de factualidade/realidade da proposição, podendo ser uma asserção *realis* – proposição fortemente assertada como verdadeira; ou *irrealis* – proposição fortemente assertada como possível, provável ou incerta. Assim como outras categorias, a modalidade pode se apresentar em gradações, que podem ser correlacionadas a determinadas formas ou funções (cf. COAN, 2003).

Neste trabalho, discutimos e apresentamos uma proposta de controle de traços/gradações da modalidade em três funções semântico-discursivas expressas por formas verbais do português: a condicionalidade, a iminencialidade e a habitualidade. A condicionalidade é um valor modo-temporal caracterizado por apresentar uma situação como temporalmente dependente de outra (cf. FREITAG; ARAUJO, 2011). A iminencialidade refere-se a um evento que está por se iniciar, o que pode ou não ocorrer (cf. FREITAG, 2011). A habitualidade, como é usualmente concebida, pressupõe uma iteração mais ou menos regular de um evento, de tal modo que o hábito resultante é considerado como uma propriedade de caracterização de um dado referente (BERTINETTO; LENCI, 2010).

1. O domínio da modalidade

A modalidade tem sido definida como a categoria linguística que reflete a atitude do falante em relação ao conteúdo da proposição, ou seja, ao que se diz (GIVÓN, 1995; 2001). Diferentes propostas de classificação têm sido apresentadas para esta categoria, englobando ou não a evidencialidade (cf. PALMER, 1986), mas em geral, a atitude do falante é dividida em dois tipos de julgamento: i) julgamento epistêmico - verdade, probabilidade, certeza, crença, evidência; ii) julgamento avaliativo (deôntico) - desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação.

Assumimos a proposta de Givón, que propõe uma redefinição comunicativa da modalidade aristotélica, correlacionando os tipos lógicos a: pressuposição (verdade necessária), asserção *realis* (verdade factual), asserção *irrealis* (verdade possível) e asserção negada (não-verdade) (GIVÓN, 1995; 2001).

As noções de *realis* e *irrealis* estão correlacionadas à atitude do falante frente ao fato enunciado. A primeira é expressa quando o falante toma uma posição assertiva frente ao fato caracterizando-o como verdadeiro, [+factual]. Já a noção *irrealis* associa-se ao afastamento da realidade pelo falante, ou seja, o falante não se compromete afirmando se o fato é ou não verdadeiro, mas como sendo provável ou incerto, [- factual]. De acordo com Givón (1995; 2001), o contraste *realis* e *irrealis* não é entre situações reais e irreais, isto é, asserções com ou sem valor de verdade; o foco da oposição muda: i) cognitivamente: da verdade lógica para a certeza subjetiva; ii) comunicativamente: da semântica orientada para o falante para a pragmática interativa, envolvendo uma negociação social entre os participantes (GIVÓN, 2001). O afastamento/distanciamento da realidade é uma nuance do domínio funcional da modalidade, na medida em que o afastamento implica baixa adesão com o conteúdo proposicional, ao passo que a aproximação implica adesão ao conteúdo proposicional. Vejamos o exemplo (1).

- (1) Mas ele não só leciona... ele também ele já foi ele já foi auditor fiscal ele já teve uma empresa de consultoria... mas como ele mesmo falou que **ganhava** bem em tudo (m 05)⁵

⁵ Os dados foram extraídos do banco de dados *Falantes Cultos de Itabaiana/SE* (ARAUJO;

Em (1), quanto à modalidade, a situação reportada está mais próxima do *realis*, pois há um valor de assertividade no verbo em destaque, denotando um grau de comprometimento com a situação enunciada. Vejamos em (2) uma situação que denote valor de *irrealis*.

(2) E: falando em censo você acha que o censo agrada a quem finalmente? ele serve pra que afinal de contas?

F: então ele também favorece aos grandes... empresários porque se sai o censo que em Sergipe tem uma grande quantidade de tra- de pessoas de dezoito até cinquenta anos... e o governo lhe dá toda estabilidade pra você montar sua indústria lá... você vai ter mão-de-obra de sobra... mas se de repente você vê que no Amapá... tem... metade de pessoas metade da população que tem em Sergipe com essa faixa de idade... qual será o lugar que a grande indústria vai se instalar será que é em Sergipe ou será no Amapá? quem vai- onde ela vai ter mais condições de se reproduzir? Eu acho que seria em Sergipe porque vai ter muito trabalhador... se você chega e impõem condições e o seu trabalhador reclama você vai lá e diz “se você num quer tem uma fila aí fora” mas se você chega no Amapá que tem uma população menor... aí você tem que reivindicar porque daqui que os daqui saiam e vá pra lá... vai demorar mas no entanto elas olham isso... elas buscam isso... então eles num favo- ele num favorece somente a política pública ao estado ele favorece também... as grandes multina- multinacionais que investem... na... indústria (f 16)

Em (2), podemos atribuir à situação a interpretação *irrealis*, pois se refere a situações que não ocorreram e que a possibilidade de que venham acontecer é possível, incerta ou provável, como destacado com o marcador **acho que**. O traço *irrealis* está relacionado a situações que não ocorreram, mas caso venham acontecer evidenciam mais certeza da atitude que o falante tomará diante do fato.

Assim, a asserção *realis* tem a característica de respaldar intensamente a proposição como verdadeira, pois, na dimensão comunicativa, mesmo

BARRETO; FREITAG, 2012). A sigla ao final refere-se à identificação do informante.

que o ouvinte desconfie do valor de verdade do conteúdo proposicional, o falante possui evidências para defender sua forte crença; na asserção *irrealis*, a proposição é fracamente assertiva e o falante não tem evidências para defender a informação proposicional, seja por essa ser possível, incerta, seja por ser desejada.

Givón (1995) aponta que a correlação entre tempo-aspecto e modalidade epistêmica é fortemente previsível, especialmente passado/perfectivo, correlacionado ao *realis* ou pressuposição; presente/progressivo, correlacionado ao *realis*; futuro, correlacionado ao *irrealis*; e habitual, correlacionado ao *irrealis* e/ou *realis*. A correlação tempo-aspecto/modalidade epistêmica apontada por Givón é discutida por Fleischman (1995), mais especificamente imperfectivo e *irrealis*. Há, segundo Fleischman (1995), indícios sincrônicos e diacrônicos da possibilidade de correlação entre a categoria aspectual imperfectivo e a modalidade *irrealis*. A manifestação desses indícios se dá por meio do uso de formas verbais marcadas pelo aspecto imperfectivo para codificar uma gama de sentidos e funções sob o domínio modal do *irrealis*.

Dentro da literatura linguística, os valores de condicional e iminencial têm sido tratados como funções semântico-discursivas correlacionadas à modalidade *irrealis* e o valor habitual, à modalidade *realis*. Embora haja forte correlação entre condicional e modalidade *irrealis*, é possível fazer uma leitura com gradações que vão do [- *irrealis*] ao [+ *irrealis*], a depender do conjunto de traços contextuais que indicam o grau de certeza expresso no enunciado, como, por exemplo, a presença de advérbios afirmativos e de intensidade e locuções adverbiais (cf. DIAS, 2007). É possível estender esta leitura também à expressão da iminencialidade. Quanto à habitualidade, há autores que sinalizam a possibilidade de correlação entre esta função à modalidade *irrealis*, especialmente em contextos com valor imperfectivo (GIVÓN, 1995; CRISTOFARO, 2004), dado que o uso do passado habitual suscita um efeito de indeterminação da factualidade em certos contextos, principalmente quando há modificadores adverbiais de frequência, como *normalmente*, *habitualmente*, etc., que sugerem a emergência de um descomprometimento do falante em relação ao que diz na proposição.

Neste cenário, propomos discutir a pertinência de se considerar a correlação entre estas funções – condicionalidade, iminencialidade e

habitualidade – em uma escala de gradação de modalidade, partindo do [+ *irrealis*] ao [-*irrealis*], na linha do que Coan (2003) propôs para tratar as funções que as formas de pretérito-mais-que-perfeito e perfeito assumem no português e que Dias (2007) propôs para a variação e a funcionalidade da forma de futuro do pretérito *vs.* a forma de pretérito imperfeito na expressão da eventualidade em construções condicionais. Primeiramente, detalhamos nossa escala de gradação de modalidade; no segundo momento, apresentamos as funções de condicionalidade, habitualidade e iminencialidade no domínio do tempo passado; por fim, apresentamos a distribuição dessas funções na escala de gradação de modalidade.

2 Gradação de modalidade

Uma das premissas da abordagem funcionalista é de que as categorias não são discretas, estáticas, absolutas e bem definidas, com contornos nítidos e sem hierarquização de seus constituintes; tal como quando lidamos, por exemplo, com substantivo, verbo, adjetivo, pronome, como conjuntos fechados, sem interseções, sem difusões. Ao contrário, as categorias gramaticais precisam ser vistas em *continuum*, que contemplam uma gradualidade, formando um conjunto irregular, relativo e impreciso, dinamicamente organizado, cujos traços constitutivos não são partilhados igualmente por todos os itens que a constituem. Então, assim como outras categorias, a modalidade pode ser controlada de forma escalar, prevendo gradações, a partir das quais pode ser correlacionadas formas ou funções.

Vejamos a proposta de Coan (2003), que, ao analisar a alternância entre as formas de pretéritos mais-que-perfeito e perfeito no português, sugere uma escala de gradação de modalidade. Tal proposta consistiu em um tratamento escalar, distribuído em seis graus do [- *irrealis*] ao [+ *irrealis*], levando em conta alguns critérios contextuais que indicam o maior/menor grau de certeza expresso no enunciado. A autora apresenta a seguinte descrição dos graus de modalidade:

Realis 1: quando não há nenhum indício de dúvida (advérbio de dúvida, verbo *divendi*, traço de futuridade);

Realis 2: nos casos em que a situação é dada, mas não seu ponto de referência, este é pressuposto;

Realis 3: em dados com verbo discendi. Esses casos ficam na fronteira, porque a verdade ou a falsidade é atribuída ao outro; *Realis 4*: aqui, incluem-se os casos em que o mais-que-perfeito composto é usado no lugar do perfeito a fim de indicar distância modal (uso metafórico);

Realis 5: modalidade dos casos de projeção em que uma situação é apresentada como hipotética no passado (projeção passada);

Realis 6: há uma projeção futura. Quando a forma chega a indicar o + *irrealis*, está em vias de ou sofrer **mudança categorial**. (COAN, 2003, p. 141-142)

Os contextos de [- *irrealis*] correspondem ao *realis 1* (extremo *realis*) e os de [+ *irrealis*] ao *realis 6* (extremo *irrealis*). O último grau, *realis 6*, é caracterizado por expressar um maior grau de hipoteticidade tendo, portanto, menor probabilidade de ocorrer.

Indo nesta mesma linha de análise, Dias (2007), ao estudar a variação e a funcionalidade da forma de futuro do pretérito *vs.* a forma de pretérito imperfeito na expressão da eventualidade em construções condicionais, controlou a modalidade a partir dos graus de certeza das proposições. A autora considerou, em sua análise, quatro graus de certeza a partir de critérios contextuais que influenciam no grau de certeza expresso na proposição. Vejamos os graus de modalidade propostos pela autora:

Certeza 1 (+) “certeza” – caracterizado por conter advérbios de afirmação (sim, certamente, seguramente), locuções adverbiais (com certeza, por certo), advérbios de intensidade (muito, pouco, bastante), repetição de verbo usado, como no exemplo a seguir: “Eu ia ser professor de novo se eu nascesse de novo...” (DID, nº 05).

Certeza 2 (+/-) “índice médio de certeza” – caracterizado por conter palavras de inclusão, como também. Exemplo: “Eu se fosse político grande eu dizia também...” (DID, nº 05).

Certeza 3 (+/-/-) “grau mínimo de certeza” – caracterizado por conter expressões explicativas ou de planejamento de ideias, expressões que denotem opinião (acho que, penso que, na minha opinião), interrogação (frases interrogativas) e advérbios de modo, como no exemplo a seguir: “Se não quisesse trabalhar

ele poderia fazer assim...” (EF, nº17).

Certeza 4 (-) “incerteza” – caracterizado por não conter nenhum dos itens acima. Exemplo: “Se a senhora... se tivesse uma pessoa doente a senhora receitaria esse prato?” (DID, nº09). (DIAS, 2007, p. 98-99).

Os estudos de Coan (2003) e Dias (2007) diferem-se quanto ao ponto de partida de análise: a primeira parte da forma para a função e a segunda da função para a forma. Ambos os estudos evidenciaram que, na expressão dos fenômenos analisados, há efeito de gradação de modalidade. No entanto, a diferença das propostas não permite a comparação dos resultados, o que limita o poder explanatório da abordagem; esta é a limitação de se fazer escalas específicas para um fenômeno, e não para uma categoria gramatical. Como pretendemos lidar com três subfunções específicas do domínio da imperfectividade no tempo passado, precisamos elaborar uma escala que seja enxuta, mas que, ao mesmo tempo, contemple a gama de funções envolvidas e, quiçá, sirva como modelo para subsidiar outras análises, permitindo a comparação entre fenômenos (cf. TAVARES; FREITAG, 2011).

Na elaboração de uma proposta de análise de dados de fala, especialmente na análise de fenômenos que envolvem conhecimento compartilhado e noções contextuais e dêiticas, como é o caso de tempo, aspecto e modalidade, é preciso considerar de que ponto de vista se observam os dados: há o ponto de vista do falante/ouvinte, vinculados à situação de fala, e o ponto de vista do analista, que é posterior à situação de fala e que não dispõe de todos os elementos contextuais que permitem a identificação de uma função semântico-discursiva, especialmente funções relacionadas à modalidade, que envolvem conhecimento sobre a factualidade da situação sob o escopo da proposição. Para o analista, esta tarefa, grosso modo, pode ser comparada com o paradoxo da caixa com gato de Schrödinger: neste experimento,⁶ um gato e um frasco contendo veneno são postos em uma caixa lacrada protegida contra incoerência quântica induzida pelo ambiente.

⁶ Trata-se de um experimento apenas mental proposto pelo físico Erwin Schrödinger (1953) para demonstrar que a interpretação da Física Quântica poderia estar incompleta. Não houve teste empírico. O paradoxo de Schrödinger tem sido aludido em diferentes campos do conhecimento para ilustrar a incerteza acerca de acontecimentos a partir de pontos de vistas diferentes.

Se um contador Geiger detectar radiação, o frasco é quebrado, liberando o veneno que mata o gato. Afora a questão física subjacente, a mecânica quântica (ou o olhar do analista) sugere que, depois de um tempo, o gato está simultaneamente vivo e morto. Mas, quando se olha para dentro da caixa (do ponto de vista do falante cuja fala é analisada), apenas se vê o gato ou vivo ou morto, não uma mistura de vivo e morto (como o analista pode ver). Como não temos acesso à mente do falante (GIVÓN, 2005), assumimos a postura de analistas, o que nos obriga a lidar com as ambiguidades de um gato de Schrödinger...

Nesse viés, seguimos a proposta de gradação de modalidade de Givón (1995, 2001), já apresentada; para lidar com a noção de *continuum*. Escolhemos o *irrealis* como valor de aplicação, por recobrir de modo mais amplo as funções de condicionalidade, iminencialidade e habitualidade (quadro 1).

Quadro 1: Escala de gradação de modalidade

Irrealis 1 – corresponde ao *realis*; apresenta situações fortemente assertadas – factuais. No nível do analista, a factualidade se verifica no contexto linguístico concomitante à função ou pressuposta.

Irrealis 2 – corresponde ao grau mínimo de *irrealis*; está correlacionado a situações que provavelmente/eventualmente ocorreram. No nível do analista, a factualidade se verifica no contexto linguístico subsequente, inter/intratópico.

Irrealis 3 – corresponde a situações impossíveis de ocorrerem. No nível do analista, a não factualidade se verifica no contexto linguístico concomitante à função.

Irrealis 4 – corresponde ao grau máximo de *irrealis*, pois a asserção é negada. No nível do analista, se verifica linguisticamente pelo marcador de negação.

Os graus de modalidade contemplam contextos que vão do [-*irrealis*], que corresponde ao grau máximo de assertividade, ao [+*irrealis*], que corresponde ao grau máximo de não assertividade. Para verificar de que modo as funções de condicionalidade, iminencialidade e habitualidade se enquadram nessa gradação de modalidade, passamos para uma análise qualitativa de dados extraídos do corpus *Falantes Cultos de Itabaiana/SE* (ARAUJO; BARRETO; FREITAG, 2012), nas seções a seguir.

2.1 O valor condicional

A condicionalidade é um valor modo-temporal caracterizado por

apresentar uma situação como temporalmente dependente de outra (cf. FREITAG; ARAUJO, 2011). A construção condicional possui uma estrutura complexa formada por duas orações: uma condicionante (oração subordinada) e a outra condicionada (oração principal). A oração condicionante é chamada de prótase (entidade p) e a condicionada de apódose (entidade q); a relação que se instaura entre p e q é “do tipo condição para realização – consequência/resultado da resolução da condição enunciada” (NEVES, 1999, p. 497), havendo, assim, uma relação de subordinação e de dependência semântica dentro de uma construção condicional.

O valor condicional pode fazer referência a uma situação no presente, passado ou futuro. Interessamo-nos, neste estudo, pelo valor condicional no âmbito do passado. O valor de passado condicional é caracterizado por expressar uma situação como possível de ocorrer somente se uma determinada condição for firmada ou satisfeita no âmbito do passado. No português, a forma verbal de futuro do pretérito (FP) é considerada, canonicamente, a forma padrão para expressar este valor.

Correlacionando a função de passado condicional às categorias verbais do domínio funcional TAM – tempo, aspecto e modalidade –, a modalidade é o traço mais saliente. O valor de passado condicional não prospecta além da conjectura da situação, ou seja, a realização ou não de algo não lhe é pertinente, pois este inscreve um processo carregado de incerteza (CÔROA, 2005, p. 57). Sendo assim, o passado condicional está fortemente correlacionado à modalidade *irrealis*, conforme ocorre na situação ilustrada em (3).

- (3) [...] todo mundo poderia melhorar mais... (hes) no que a gente já fez... e se eu voltasse no passado com certeza **teria sido** melhor do que eu fui... hoje (m 02)

Apesar de existir forte correlação entre o passado condicional e a modalidade *irrealis*, é possível identificar diferentes nuances de assertividade que vão do [- *irrealis*] ao [+ *irrealis*] na expressão desta função. Essa possibilidade de leitura está decorre do conjunto de traços linguísticos contextuais que interferem no grau de certeza da asserção: a presença de advérbios afirmativos e de intensidade e locuções adverbiais (cf. DIAS, 2007).

Além desses traços, o traço semântico-pragmático do verbo também pode influenciar no grau de certeza expresso: verbos de cognição/percepção, etc. (cf. TAVARES; FREITAG, 2011). Na expressão de passado condicional, em contextos reais de uso, outras formas verbais são elencadas para codificar este valor, tais como o pretérito imperfeito do indicativo e perífrases verbais de passado, conforme já foi constatado em estudos no português (COSTA, 1997, 2003; BARBOSA, 2005; DIAS, 2007; FREITAG; ARAUJO, 2011, entre outros). Nesta função, o tipo de forma verbal utilizada é bastante saliente na expressão do grau de modalidade, na medida em que o uso de uma forma verbal ou de outra pode indicar o comprometimento (nível de certeza) ou o distanciamento (nível de incerteza) do falante em relação ao conteúdo da proposição. Vejamos os contextos a seguir que ilustram essas diferentes nuanças de irrealidade.

- (4) F: é porque é assim sempre (hes) no ensino médio e no ensino fundamental eu me destaquei na escola (est) aí tinha aquela questão que eu tinha que fazer um curso de status (est) tinha aquela pressão em cima de mim pra fazer um curso de status mas pela escola família não (est) (hes) mãe tio família e se o que eu fizesse estava bom olhe siga o seu caminho mas na escola eu tinha aquela pressão de fazer (hes) tinha pressão pra fazer medicina... tinha pra fazer Farmácia... e o curso que me aproximou mais que eu mais gostei assim desse de status mesmo foi farmácia porque tinha a questão da síntese de remédios tal (m 03)

Em (4), temos um contexto de passado condicional em que a construção *se o que eu fizesse* representa a condição para que a situação *estava* (pretérito imperfeito do indicativo – IMP) se realize. Do ponto de vista do analista, tal situação apresenta factualidade, uma vez que a situação de os familiares não interferir na escolha do informante é dada ao analista linguisticamente no contexto anterior ao dado; assim, temos, neste excerto, uma situação que expressa grau de *irrealis 1*.

- (5) se eu não achasse mercado aqui e... tivesse a oportunidade fora com certeza eu **iria**... num num num ficarei aqui atrelado a Sergipe (m 05)

(6) E: *se você não... se você tivesse que optar por outro curso... qual curso você faria?*

F: eu acho que seria um curso que eu **faria**... a psicologia... ou psicologia ou então serviço social (f 15)

Em (5), a construção *se eu não achasse mercado aqui e... tivesse a oportunidade fora* é a condição para que a situação expressa pelo verbo *ir* aconteça. Já o exemplo apresentado em (6), a condição para que o evento expresso por *faria* aconteça está subentendida, pois o informante ao retratar em sua resposta a informação solicitada pelo entrevistador não retoma a condição *se você tivesse que optar por outro curso* presente na pergunta deste. Embora a condição não esteja explícita na resposta do informante temos uma ocorrência da função de passado condicional. No que se refere ao grau de modalidade, tanto em (5) quanto em (6) temos a expressão do grau de *irrealis 2*. Para o analista, as situações descritas não são factuais: no primeiro exemplo, o informante assevera que sabe o que fazer caso não tenha oportunidade no mercado de trabalho, mas não há evidências de que a situação tenha ocorrido; no segundo, o marcador de dúvida *acho que* sinaliza que a situação pode ocorrer; tais situações podem eventualmente ter acontecido, mas não há pistas linguísticas para o analista considerá-las factuais.

(7) um eu se eu fosse empregador eu **teria** o maior orgulho de chegar numa roda de amigos e dizer “olha meus funcionários têm nível superior” eu **teria** o maior orgulho de dizer isso (m 05)

(8) na época o vestibular português era eliminatório se eu não fizesse dezoito pontos... certo? o que acontecia você **não fazia** a primeira fase isso aconteceu comigo duas vezes (m 07)

As situações expressas em (7) e (8) são correlacionadas, respectivamente, aos graus de modalidade 3 e 4, estando, portanto, dentro da escala de modalidade mais próximas do *irrealis*. A expressão de *irrealis 3* em (7) ocorre pelo fato de ser uma situação impossível de ocorrer visto que o informante é funcionário público e não é um empregador. Já em (8), temos a expressão do grau de irrealidade máximo, o *irrealis 4*, uma vez que

o evento descrito pelo informante é uma assertiva negativa.

Como podemos observar, do ponto de vista do analista, a condicionalidade perpassa os quatro graus de modalidade propostos.

2.2 O valor iminencial

O valor semântico-discursivo iminencial se refere à expressão de uma situação que está por se iniciar (GONÇALVES, 2002; BORGES NETO; GONÇALVES, 2003; FREITAG, 2011). Dentro de uma semântica da aspectualidade, o iminencial se refere a contextos em que há a expectativa de que uma situação ocorra, mas que não necessariamente se concretizou, ficando, assim, na fronteira limítrofe entre o domínio do aspecto e o da modalidade. Borba Costa (1990) exclui este valor do domínio do aspecto, por considerar que não há foco no arranjo temporal interno da situação. No entanto, fica difícil estabelecer o domínio; podemos fazer um paralelo com o “paradoxo do imperfectivo”, em que uma situação inacabada não permite que se determine seu término: no valor iminencial, a situação está prestes a se iniciar (em vias de inceptividade), mas não permite que se assegure se vai iniciar ou não. Vejamos o excerto (9).

- (9) Foi a questão de como eu já havia falado que eu esperava transporte na rua e a questão de um bêbado... aí nesse dia (est) eu fiquei com medo porque ele chegou eu estava sozinha... então ele sem camisa... se aproximou... aí quando eu **ia tentar correr** ele pediu para que eu não corresse... aí então eu comecei a chorar... ele disse que **não ia fazer nada** comigo (f 17)

A construção em destaque, em (9), é um contexto de iminencialidade. Trata-se de um relato de uma situação passada, cujo contexto seguinte permite confirmar que a ação de *ia tentar correr* não ocorreu por conta da marca de negação (“ele pediu para que eu não corresse”). A iminencialidade de (9) apresenta factualidade, dado que a situação é anterior ao momento de fala – domínio do passado – e o contexto permite que se verifique se a situação de fato ocorreu ou não. Na escala de modalidade proposta, este tipo de ocorrência situa-se em grau de *irrealis 1*. Do ponto de vista formal, o valor de iminencialidade é expresso pela perífrase constituída por *irIMP* + infinitivo, como em *ia tentar correr*, que é intercambiável com as formas

simples e composta de IMP, *tentava correr/ estava tentando correr*, sem mudança no valor semântico-discursivo. No entanto, o intercâmbio com a forma verbal de futuro do pretérito altera o valor semântico-discursivo, saindo do domínio do iminencial para o condicional. A perífrase *ia fazer*, ainda em (9), não expressa valor iminencial, mas sim condicional, tanto que é intercambiável com a forma de futuro do pretérito sem prejuízo na função semântico-discursiva.

- (10) assim... quando eu **ia ingressar**... no início como já falei que eu tava nas duas universidades um ex-professor meu... (est) ele chegou pra mim e disse que eu não teria condições de ficar com as duas... então eu tava querendo ir além das minhas expectativas... então esse ex-professor... então eu acho assim... que pra mim fui desestimulada naquele momento... mas depois eu mostrei pra mim... eu tentei mostrar que pra mim mesma que eu poderia conseguir... é tanto que quando eu me formei na primeira em matemática eu fiz questão de levar o convite pra essa pessoa... (est) pra mostrar que uma eu já tinha vencido e que faltava pouco tempo para vencer a outra (est) e o povo também critica muito essa questão de quando eu fiz administração... administração em Macambira pra quê? já chegou (est) uma certa pessoa... eu lembro que eu pedi... fui à igreja... agradecer... porque o padre fez uma missa em ação de graças por eu ter conseguido passar e quando eu **ia saindo** uma pessoa ao me cumprimentar simplesmente fez a seguinte pergunta “administração em Macambira pra quê? (f 17)

No excerto (10), há duas construções que expressam iminencialidade, ambas formadas por perífrases com o verbo *ir*IMP + infinitivo/gerúndio. À primeira ocorrência, *ia ingressar*, pode-se atribuir certo grau de factualidade, na medida em que o excerto indica que houve a conclusão dos cursos, com a formatura (então, para ter se formado, foi preciso ingressar no curso). Do mesmo modo, em *eu ia saindo*, podemos predizer que a informante saiu, mas no momento da enunciação, não há marcas da resolução do paradoxo. Nestes casos, temos grau de *irrealis 2* na escala de modalidade. E, em ambos os casos, novamente, é possível apenas o intercâmbio com as formas

simples e composta de IMP (*ingressava/ estava ingressando; saía/ estava saindo*).

Atente-se para que o fato de que a perífrase *ia* + infinitivo não implica numa relação direta com a iminencialidade: existe uma interação aspectual entre o aspecto gramatical e o traço interno do verbo. Nos excertos analisados, os verbos cujas situações permitiam a leitura aspectual iminencial estão marcados com o traço de *achievement* (atélico, mas com culminância), na denominação de Vendler (1967). O valor aspectual iminencial focaliza a anterioridade eventiva, ou seja, refere-se a uma situação que ainda não se iniciou; e que isto pode ou não ocorrer. Este valor também está associado à factualidade (ou não) em um tempo real, no âmbito da modalidade, logo, temos a possibilidade de grau 3 e grau 4, ainda que não tenham sido identificadas no *corpus* sob análise.

Em resumo, o valor iminencial associa o aspecto inerente ao verbo (*achievement*, situação atélica e com culminância) à forma perifrástica *ia* + infinitivo, IMP e de futuro do pretérito e deve então ser visto não sob o prisma apenas do aspecto ou apenas da modalidade, mas sim em uma confluência limítrofe entre estes domínios, com suas gradações.

2.3 O valor habitual

A habitualidade, como é usualmente concebida, pressupõe uma iteração mais ou menos regular de uma situação, de tal modo que o hábito resultante é considerado como uma propriedade de caracterização de um dado referente (BERTINETTO; LENCI, 2010). Assim, o valor do aspecto habitual reside na indeterminação do número total de ocorrências de microssituações (BERTINETTO; LENCI, 2010; FREITAG, 2007), tendo uma situação que é característica de um período de tempo prolongado (COMRIE, 1976). O aspecto habitual delinea situações que são características de um período de tempo extenso, tão extenso que a situação a que se refere é vista não como uma propriedade acidental do momento, mas como um traço característico de um período completo (COMRIE, 1976). As situações habituais são, particularmente, codificadas por predicados menos télicos, isto é, com elementos que fornecem uma leitura em que o fim do evento não está visível.

Dentro da literatura, o aspecto habitual tende a ser relacionado à modalidade *realis*, mas há autores que sinalizam a possibilidade de correlação

entre esta função à modalidade *irrealis*, especialmente em contextos com valor imperfeito (GIVÓN, 1995; CRISTOFARO, 2004). Tal leitura deriva do fato de o valor habitual suscitar um efeito de indeterminação da facticidade em certos contextos, principalmente quando há modificadores adverbiais de frequência, como normalmente, habitualmente, etc., que sugerem a emergência de um descomprometimento do falante em relação ao que diz na proposição. Segundo Freitag (2011, p. 155), “a ligação entre aspecto e modalidade na expressão do passado imperfeito é o valor habitual, assim o IMP [pretérito imperfeito do indicativo] sai do domínio da modalidade e chega ao domínio do aspecto, via habitual”.

O traço de modalidade do valor habitual é, no entanto, ambíguo: apesar de a maioria dos contextos de habitual serem fortemente assertados como *realis*, o traço mais importante da expressão dessa modalidade – a sua associação a eventos específicos que ocorrem num tempo específico – está ausente nesta função, já que a habitualidade é um valor semântico-discursivo que recobre uma situação sistematicamente repetida em diferentes ocasiões: presente, passado, ou ambos (FREITAG, 2007; BARBOSA, 2008), estando próximo do valor atemporal. A gradação de modalidade na habitualidade precisa ser depreendida da observação da presença de elementos linguísticos que marquem o aspecto habitual, como, por exemplo, advérbios e locuções adverbiais de frequência e o próprio traço inerente ao verbo. Assumimos, portanto, que o aspecto é composicional, isto é, as informações que trazem os outros constituintes de determinada sentença – sujeito, complemento e expressões adverbiais – também influenciam na leitura aspectual.

- (11) e... oitenta por cento do curso foi exatamente isso né? que sempre preparou... (hes) o alunos com com cálculos... com memorização de fórmulas foi um curso muito voltado pra memorização... de fórmulas memo- (hes) <<aprendimento>> conceitos matemáticos... foi um curso pouco voltado né? realmente para... formação do professor... era mais era cálculo... e... matérias técnicas né? com que que a gente nunca iria usar em sala de aula (m 01)

Em (11), há valor habitual em *sempre preparou*. Neste caso, a habitualidade está expressa pelo advérbio *sempre*, que indica que dado acontecimento tem lugar regularmente em uma linha de tempo, sem dizer respeito a nenhuma das realizações em particular. Dentro da gradação de modalidade proposta, este tipo de ocorrência situa-se em grau de *irrealis 1*, pois há um valor de assertividade na construção em destaque, denotando um grau de comprometimento do falante com a situação enunciada.

- (12) saber escrever muito bem... no idioma inglês e no seu próprio idioma... inclusive pessoas de outros países a Google... **costumava** também contratar... para fazer as traduções... né? que a... que como o Google trabalha com o mundo inteiro precisa... (m02)

Correlacionando *costumava* (imperfectivo habitual), no exemplo (12), aos graus de factualidade/realidade, percebemos um efeito de suavização do valor de verdade da proposição, pois o traço semântico-pragmático do verbo faz emergir uma leitura quantificadora não universal, gerando efeitos de indeterminação do estatuto de factualidade da proposição, estando em um grau de *irrealis 2*, grau mínimo de *irrealis*. Tal leitura decorre da possibilidade de ter havido pelo menos um tempo em que o Google não tenha contratado pessoas para trabalhar. Em relação aos modificadores adverbiais com valor habitual, um modificador do tipo de *normalmente, geralmente* etc., como em (13), torna a proposição indeterminada em relação ao seu estatuto factual. Assim, é possível propor que tais modificadores adverbiais modalizam a ação (cf. TESCARI NETO, 2008); ao valer-se destes recursos, o falante se descompromete com o estatuto factual do estado de coisas. O excerto (13) ilustra essa situação, também grau de *irrealis 2*.

- (13) tem que adequar a disponibilidade do entrevistado... e às vezes eles têm bastante receio também né? de se expor... de mostrar tipo de dar a cara a tapa digamos assim... então geralmente a resistência maior é dessas autoridades mas também eu é é... muito difícil eu não conseguir **geralmente** eu **conseguia** bastante... e têm muitos também que são bastante atenciosos muitos políticos que são atenciosos (hes) policiais e delegados

também que dê- que dão a entrevista numa boa assim geralmente... eu consigo é muito difícil eu não conseguir uma entrevista (f 11)

Em (14), temos valor habitual, uma vez que a situação *ela sempre acreditava* se repete várias vezes em um intervalo de tempo indeterminado. Diferentemente de (11), *acreditava* está no domínio da imperfectividade, e, por si só, denota uma situação passada habitual; o marcador adverbial *sempre*, que sinaliza uma ação codificada em tempo presente, passado ou futuro, neste caso, apenas reforça a repetição da ação no tempo e independente do que ocorra, o resultado poderá ser o mesmo. Esse contexto pode ter uma leitura *irrealis 2* se considerarmos que houve a possibilidade de a filha acatar ou não o conselho de sua mãe em ser uma bióloga; assim, a possibilidade de que o fato venha a acontecer é possível, incerto ou provável.

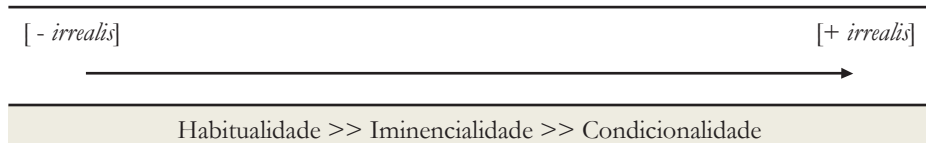
(13) minha mãe ficou mui- me apoiou bastante “não faça eu acho que você vai gostar” mas ela **sempre acreditava** que eu ia ser bióloga... não professora bióloga ela **sempre... acreditava** que eu ia... me dedicar... à área mais de pesquisa laboratório análises clínicas porque o biólogo também... pode exercer esse cargo (f 19)

Podemos, evidentemente, ter um hábito negado, como *irrealis 4*; no entanto, não podemos ter a instância da caixa com gato de Schrödinger, em que pode ou não pode haver o hábito.

3 Modalidade e as funções do domínio do passado imperfectivo

Os graus de modalidade contemplam contextos que vão do [-*irrealis*] – que corresponde ao grau máximo de assertividade, recobrando, principalmente, contextos de habitualidade – ao [+*irrealis*] – que corresponde ao grau máximo de não assertividade, estando mais para o âmbito da condicionalidade e da iminencialidade. Como observamos, basicamente, as mesmas formas verbais podem atuar na expressão de todas as funções. Considerando a gradação de modalidade, as subfunções do passado imperfectivo apresentam o *continuum* delineado no quadro 2, que poderia sugerir uma trajetória da expansão/sobreposição de funções.

Quadro 2: *Continuum* das subfunções do passado imperfectivo quanto à modalidade



As trajetórias de mudança pressupõem estágios de menor estabilidade do sistema, na medida em que ocorre a sobreposição de funções para uma mesma forma verbal e/ou a sobreposição de formas verbais para o desempenho de uma mesma função. No domínio do passado imperfectivo, observamos uma generalização de usos das formas verbais, assim como a sobreposição de formas verbais para uma mesma função. Tal contexto sugere um estágio de menor estabilidade, requerendo, assim, maior controle analítico para captar as nuances que podem levar à regularização dos usos, tal como propomos para o controle da modalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de fenômenos semântico-discursivos em seu *continuum* – constituindo um conjunto irregular, relativo e impreciso, dinamicamente organizado, cujos traços constitutivos não são partilhados igualmente por todos os elementos – requer que se tomem cuidados metodológicos que passam pela tomada de decisões que influem na perspectiva de análise: forma ou função? assumir a perspectiva do analista ou a do falante? Defendemos que a investigação da variação em categorias verbais requer tomadas de decisão metodológicas por parte do analista, dado que uma mesma caracterização semântico-discursiva pode ser expressa por diferentes formas, assim como uma mesma forma pode ser associada a diferentes caracterizações semântico-discursivas. A caracterização por meio de traços de modalidade proposta para as subfunções do passado imperfectivo, considerando as diferentes formas de expressão (pretérito perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito e futuro do pretérito, simples, compostos e perifrásticos) e as diferentes nuances de significado em função da saliência de dado valor em função do contexto, pode auxiliar na explicação de

algumas questões inerentes ao processo de variação e mudança linguística, como a definição de uma trajetória de mudança.

O cotejamento dos resultados a partir de uma mesma escala de gradação pode vir a corroborar as trajetórias de gramaticalização de funções semântico-discursivas das formas verbais do português, já descritas, contribuindo para o refinamento do modelo teórico, além de referendar uma análise descritiva das categorias verbais em termos de traços semântico-discursivos que pode trazer auxílio aos processos de etiquetagem de *corpus*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Andréia Silva; BARRETO, Eccia Alécia; FREITAG, Raquel Meister Ko. Banco de dados de falantes cultos de Itabaiana/SE. In: *Anais eletrônicos da II Jornada de Pesquisa Científica do GEMPS/CNPq*. Laranjeiras: Grupo de Estudos em Memória e Patrimônio Sergipano, 2012. v. 1. p. 1-12.

BARBOSA, Juliana Bertucci. *Tenho feito/fiz a tese uma proposta de caracterização do Pretérito Perfeito no Português*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2008.

BARBOSA, Tatiane Alves Maciel. *A variação entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais iniciadas por “se” na fala uberlandense*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Uberlândia, 2005.

BERTINETTO, Pier Marco, LENCI, Alessandro. Iterativity vs. habituality (and gnomic imperfectivity). *Quaderni del laboratorio di linguística*, v.9, n.1, p. 177-210, 2010.

BORBA COSTA, Sônia Bastos. *O Aspecto em Português*. São Paulo: Contexto, 1990.

BORGES NETO, José; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. Perífrases iminenciais em português. *Estudos linguísticos*, v. 32, p.1-10, 2003.

BYBEE, Joan; PERKINGS, Revere; PAGLIUCA, William. *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the language of the world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

BYBEE, Joan; FLEISCHMAN, Suzanne. *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.

COAN, Márluce. *Anterioridade a um ponto de referência passado: Pretérito (mais que) perfeito*. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

COAN, Márluce. *As categorias de tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente*. 2003. Dissertação (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

COMRIE, Bernd. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CORÔA, Maria Luíza. *O tempo dos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

COSTA, Ana Lúcia. *A variação entre formas de futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal no Rio de Janeiro*. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

COSTA, Ana Lúcia. *O futuro do pretérito e suas variantes no português do Rio de Janeiro: um estudo diacrônico*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

CRISTOFARO, Sonia. Past habituais and irrealis. In LANDE, Y. et alii (eds.). *Irrealis i Irreal'nost'*. Moskva: Gnozis, 2004, p. 256-72.

DIAS, Flávia Maurícia Pereira de Carvalho. *Variação e funcionalidade modo-temporal no português oral de Fortaleza/CE: futuro do pretérito versus pretérito imperfeito na codificação de eventualidade em construções condicionais*.

Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, 2007.

FLEISCHMAN, Suzanne. Irrealis and imperfective. In: BYBEE, Joan; FLEISCHMAN, Suzanne. (eds.). *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995, p. 519-554.

FREITAG, Raquel Meister Ko. A expressão do passado iminencial em português: formas e contextos de uso. In: *Anais do VII Congresso Internacional da Abralín*. Curitiba: UFPR, 2011. v. 1. p. 3654-3662.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Past tense in Brazilian Portuguese: set of tense-aspect-modality features. In: *Proceedings of the VIIth GSCP International Conference Speech and Linguistic Analysis*. Firenze: Firenze University Press, 2012. p. 388-392.

FREITAG, Raquel Meister Ko. *A expressão do passado imperfeito no português: variação/gramaticalização e mudança*. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

FREITAG, Raquel Meister Ko; ARAUJO, Andréia Silva. Passado condicional no português: formas e contextos de uso. *Caligrama*, v. 16 n. 2, p. 199-228, 2011.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing, 1995.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GIVÓN, Talmy. *Context as Other Minds. The Pragmatics of Sociality, Cognition and Communication*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. Quatro perífrases indicadoras de fases em português europeu. *Revista Vernáculo*, v. 5, p. 24-32, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. As construções condicionais. In: NEVES, Maria H. de Moura (org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 497-544.

PALMER, Frank. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

TAVARES, Maria Alice; FREITAG, Raquel Meister Ko. Do concreto ao abstrato: influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais complexos. *Linguística*, v. 6, p. 103-119, 2010.

TESCARI NETO, Aquiles. *AdvPs de aspecto habitual como modalizadores inerentes: um estudo translinguístico*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

SCHRÖDINGER, Erwin. Die gegenwärtige Situation in der Quantenmechanik. *Die Naturwissenschaften*, v. 23, n. 48, pp.807-812, 1935.

VENDLER, Zenon. Verbs and time. *Linguistics in philosophy*, p. 97-121, 1967.